

SANGRANDO LEMBRANÇAS: A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA DA GUERRA DAS MALVINAS EM MÚSICAS DE PUNK ROCK*

*VIEIRA, Tiago de Jesus***

“A história fez-se, sem dúvida, com documentos escritos. Quando há. Mas pode e deve fazer-se sem documentos escritos, sem não existirem [...] Faz-se com tudo o que a engenhosidade do historiador permite utilizar para fabricar o seu mel, quando faltam as flores habituais: com palavras, sinais, paisagens e telhas; com formas de campo e com más ervas; com eclipses da lua e arreios; com peritagens de pedras, feitas por geólogos, e análise de espadas de metal, feitas por químicos. Em suma, com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significante a presença, atividade, gostos e maneiras de ser.” Lucien Febvre

Quão forte uma música pode trazer de memórias? A resposta pode estar imbricada nas trajetórias das pessoas que vivenciaram as ultimas décadas do século XX na Argentina.

Neste período que a repressão vestiu a camisa do patriotismo e entrou em dois campos, o campo de futebol na Copa do Mundo de 1978 e no campo de batalha na Guerra da Malvinas, com o mesmo objetivo de marcar o “gol” da memória, e silenciar as atrocidades da ditadura militar no país.

Em contrapartida, algumas bandas de Punk Rock a partir do termino do conflito têm buscado contra-atacar neste campo da produção da memória, com objetivo de mostrar que o tão festejado “gol”, não passou de um “gol contra”, ou um “impedimento” da liberdade, sangrando essas lembranças em suas músicas, estes atores juvenis se inserem na disputa pela memória social.

Desta forma, o objetivo deste artigo é partir da problematização do contexto da juventude ao longo das ultimas décadas, demonstrar como esta se insere nesta disputa pela memória, mais especificamente pensando no caso da memória sobre a Guerra das Malvinas a partir da produção musical de punk rock argentina sobre a ditadura naquele país. Parto do principio que “a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e

* Este trabalho compõe parte da pesquisa O Punk do Interior: Um estudo da transculturação do movimento Punk em Ilha Solteira-SP 1994 a 2001. Vinculada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso.

** Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

um objeto de poder¹”. Sendo que, considero não ser necessário contar a história da guerra das Malvinas em seus aspecto cronológico, atentarei, apenas, a uma parte da produção da memória do acontecido. Para isso, em um primeiro momento busquei abordar uma visão geral da trajetória da condição juvenil – o ser jovem –, para logo após adentrar na discussão da memória e tentar expor como os jovens entraram nesta disputa durante a segunda metade do século XX. Só então busco em algumas músicas punk, como estas tem sido produzidas, e como alguns jovens argentinos entraram na luta para representar uma outra visão dos acontecimentos ocorridos durante a ditadura militar argentina, e mais especificamente na Guerra das Malvinas.

A invenção da juventude

O primeiro desafio é responder a seguinte pergunta: O que é o jovem? A resposta mais adequada a esta pergunta é simples: Uma invenção historicamente recente, como alguns historiadores tem revelado, dentre eles Philippe Ariés² que destaca que nem sempre houve uma definição nítida das fases de vida do ser humano, uma vez que “a duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se”, logo que a criança adquiria o menor sinal de desembaraço físico, era misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. “De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude”, categoria esta que só tem seu reconhecimento a partir do século XX, quando começa haver a “consciência de juventude”, que só tornou um fenômeno geral após a Grande Guerra de 1914, em que os combatentes da frente de batalha se opuseram em massa às velhas gerações da retaguarda. A consciência da juventude começou como um sentimento comum dos ex-combatentes, em todos os países beligerantes. Esse sentimento de identificação com a faixa etária ganha notoriedade devido a sua força física, naturismo, espontaneidade e alegria de viver que faria do adolescente o herói do século XX.

Realmente a partir do século XX, ser jovem ganha uma nova visão e cada vez mais se quer ser jovem, o que significa ser vivo, uma espécie de estado de espírito, ligado a um ideal de liberdade. Associado a isso houve sem dúvida um alargamento do - que é ser jovem -

¹ LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; trad. Bernardo Leitão [et. al.]. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1992. p. 16

² ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981. p. 10.

como aponta Beatriz Sarlo³ ao descrever que “a infância quase desapareceu, encurralada por uma adolescência precocíssima. A primeira juventude se prolonga até depois dos 30 anos. Um terço da vida se desenvolve sob o rótulo de juventude” exemplo claro desse alargamento da condição juvenil é que “em 1900, a mulher imigrante que já tinha dois filhos não se considerava tão jovem aos 17 anos; seu marido, dez anos mais velho, era um homem maduro.”⁴

Embora, por um lado exista um grande desejo de querer ser jovem, por outro lado no campo das ciências humanas, são raros e quase inexistentes os estudos a respeito da juventude, a Socióloga Helena Wendel Abramo⁵ aponta que quando estes estudos ocorrem tem como praxe encarar o jovem pela ótica do “problema social” uma vez que “a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social”. No entanto não posso dizer que neste trabalho vou deixar de abordar a juventude como uma ameaça de ruptura a continuidade, mas não encararei isto *a priori* como um problema a ser revolvido pela ciência ou pelo Estado.

Na mesma obra Helena Abramo⁶ destaca que o conceito de juventude corrente difundido na sociologia é profundamente baseado na esfera funcionalista, que constituiu a juventude como “categoria de análise: como um momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização”, caracterizando assim um momento crucial no processo de integração com a sociedade, em geral “é nesse momento que a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social”, ou seja, segundo o próprio conceito mais difuso na sociologia, resta ao jovem duas alternativas, incorpora o que lhe fora estabelecido como “padrão social” ou se torna um problema social, e neste artigo abordarei a respeito desses jovens que são considerados problemas sociais, por não aceitarem as regras do jogo social, entrando na disputa opondo-se ao *status quo*.

Estabelecendo segundo o historiador Rafael Souza⁷ uma disputa pelo seu espaço social, que vai desde renegar a hierarquia familiar até repudiar de maneira aberta e generalizada os valores da sociedade constituída, vem a desenvolver um comportamento que

³ SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. trad. Sérgio Alcides, 3. ed., Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004. p.36

⁴ Ibid., loc. cit.

⁵ ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n, 5, 1997. p. 29

⁶ Ibid., loc. cit.

⁷ SOUZA, Rafael Lopes de. **Punk**: Cultura de protesto, as mutações ideológicas de comunidade juvenil subversiva. São Paulo: Edições Pulsar, 2002. p. 30 – 31.

quase sempre o põe à margem da sociedade, dificultando a sua integração social. Motivo este que justifica a forma de visão do jovem, pelo conceito mais difuso na sociologia funcional, colocando a juventude como etapa problema, uma vez que “o jovem torna-se, então, um verdadeiro problema para a sociedade na medida em que seus atos estão sempre questionando a ordem estabelecida⁸”.

Ainda segundo Rafael Souza⁹ os meios de sociabilidade e integração, difundidos a partir do século XX, como o rádio, o cinema, a indústria fonográfica, exerceram uma verdadeira influência sobre a juventude. Que se apropriou deles, passando a ser criadora da sua própria cultura, redimensionando a sua forma de ser e viver. Levando uma parte significativa da juventude em direção da insubordinação contra os valores da cultura dominante, através de uma luta contra o tédio burocrático, que favoreceu o nascimento de novos símbolos, imagens e emoções.

Isto inaugura, portanto uma nova fase, na qual os jovens se veem encorajados a expor os seus próprios sentimentos por meio da arte - que em geral era vista como pertencente pura e exclusivamente a um grupo de supostos eruditos e/ou iluminados – é justamente por meio da manifestação artística que a juventude vai começar a produzir a sua própria representação do mundo, lançando o seu olhar sobre a própria vivência e o mundo em que vivem.

Visão esta produzida pela juventude que se opõem a da geração anterior e a dos grupos dominantes, criando uma disputa de representações entre os grupos, e quando essa disputa envolve algo que retrata a trajetória de vida de milhares de pessoas, será tratado como objeto ao qual todos os grupos farão diversas investidas a fim de sobrepor sua visão dos acontecimentos, onde “as percepções do social que não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas. Que por sua vez estão sempre em um campo de competições coerentes cujo os desafios em termos de poder e de dominação¹⁰”.

Juventude e memória social

É nesta perspectiva que proponho que as músicas apresentadas neste trabalho, sejam enquadradas, como produção de uma memória que deve ser pensada enquanto uma representação do real, que se insere na disputa que busca contrapor as representações feitas

⁸ Idem, loc. cit.

⁹ Ibid., p. 32-33

¹⁰ CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

pelo estado argentino sobre a Guerra das Malvinas. Embora exista aí, uma disparidade muito grande de forças, pois ao lado da visão oficial existe “o esquecimento e o silêncio”, que para Jacques Le Goff¹¹ “são instrumentos reveladores de mecanismos de manipulação da memória coletiva”. Produção de esquecimento que é combinado com as grandes “glórias” do período da ditadura militar no país¹² que foram exaustivamente destacadas, para fazer com que pela força da repetição seja aquilo que permaneça, afinal; “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado¹³”.

Mas, é justamente aí que grupos de os jovens travaram e travam sua luta, nessa disputa para mostrar a sua visão dos acontecimentos, para tentar reverter o peso da balança das relações de forças desiguais.

E lembrar tais disputas pelo passado é um dever ético do próprio historiador. Como afirma Le Goff: Devemos “trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para servidão dos homens¹⁴” mesmo que “o interesse, a afinidade, o desejo, a inibição, a censura exercem interferências na memória individual¹⁵”, e os jovens integrantes de algumas bandas de Punk Rock têm entrado nesta disputa.

A música foi o meio encontrado por estes jovens para produzirem uma determinada forma de “fazer ver” o acontecimento da Guerra das Malvinas, pois ela é um dos veículos de difusão de ideias pela sociedade, pelo seu incrível poder de alcance, atingindo os mais distintos públicos e fazendo com que eles compreendam, uma vez que “verso e música são as expressões de arte mais próximas do analfabeto. Conjugados assumem um poder de comunicação que fura a sensibilidade mais dura¹⁶”. É importante destacar que a produção musical que retrata o conflito nas Malvinas, é bem mais diversificada com presença bem

¹¹ LE GOFF, op. cit., p.17

¹² “A ditadura militar na Argentina durou entre os 1976 e 1983. Os militares tomaram o poder por meio de um golpe em março de 1976, teve elementos de ruptura e continuidade com a história política e militar do país. Economicamente, constitui-se em um ponto de inflexão, de não-retorno, no que diz respeito ao modo de substituição de importações predominante desde a crise de 1930. De uma forma ou de outra (via abertura comercial, endividamento externo ou reestruturação industrial) inaugurou-se uma etapa que o país ainda vive, mesmo que as circunstâncias e os ajustes de rumo tenham modificado metas e processos. Na política externa também houve repercussões profundas, vinculadas tanto à repressão e à destruição dos aparatos políticos existentes como à mudança do modo econômico. As alianças populistas que possibilitaram o primeiro peronismo já não poderiam ser reconstituídas.” Conforme: RAPOPORT, Mario. A Guerra das Malvinas e a política exterior argentina: a visão dos protagonistas. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 39, p. 1-27, 1996. Trad. de Denise García. Disponível em < www.ftp.unb.br/pub/unb/ipr/rel/rbpi/1996/98.pdf >. Acesso em: 29 abr. 2010.

¹³ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, trad. Monique Augras. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 203.

¹⁴ Le GOFF, op. cit., p. 477

¹⁵ Idem, p. 426

¹⁶ MACHADO apud MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 203-221. 2000. p. 204.

difusa em diversos estilos, que vai muito além do Punk Rock, escolhido como objeto de abordagem neste artigo.

No entanto, a escolha neste trabalho por utilizar esse gênero musical, se faz justamente pela opção estratégica de tal gênero, pois o Punk Rock tem uma atuação, que se difere do Rock por não se entrelaçar a uma forma muito comercial, que visa atender o mercado da indústria cultural. Ademais quando se analisa apenas um gênero musical acaba se tendo uma maior facilidade em fazer a análise das partes melódicas e performáticas do trabalho musical, além da letra que foi a prática mais corrente na historiografia brasileira acerca do tema¹⁷, objetivo aqui proposto é tentar atentar para todos os aspectos da música desde os mais nítidos até aqueles que a primeira vista são imperceptíveis.

Os jovens ligados à produção das músicas de Punk Rock, ao gritar a indignação com os acontecimentos do passado, sofrimento que os atingiu de perto, bem como seus familiares e amigos, têm procurado fazer na sociedade, por meio destas músicas com letras e melodias fortes, uma intervenção direta na percepção de quem recebe a mensagem musical, ao ponto de sensibilizar o receptor sobre a indignação que eles sentem ao lembrarem que milhares de pessoas perderam suas vidas devido ao aparato repressivo do regime militar.

O punk rock e a Guerra das Malvinas

Selecionei aqui três músicas para demonstrar como tem sido abordado a Guerra das Malvinas, nas músicas de Punk Rock, para estabelecer esta breve análise da produção da memória juvenil acerca do tema. A escolha destas músicas também se deu em função de retratar três momentos distintos que contribuem para revelar “o não dito¹⁸” do conflito.

A divisão das músicas se fez da seguinte forma: a primeira música “1978 (camps days)” da banda Fun People aborda o antes do conflito – a Copa do Mundo de 1978, euforismo, alimentação do patriotismo e do espírito nacionalista, para silenciar as atrocidades cometidas pelo governo ditatorial no país-; a segunda música intitulada “Las Malvinas son pinguinas” da banda Código Neurotico (sic.) aborda o durante o conflito – a irônia ao estar morrendo em uma guerra interpretada como tendo sido provocada para satisfazer o desejo de nacionalismo e para alimentar as vaidades políticas de Argentina e Inglaterra;¹⁹ - já a última

¹⁷ MORAES, op. cit., loc. cit

¹⁸ A respeito dessa discussão acerca do “não dito” cf. CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 61-3.

¹⁹ A ocupação das Ilhas Malvinas era uma última contradição que conduzia a política exterior a uma grande rua sem saída: a questão representava uma reivindicação legítima de um governo ilegítimo que consolidava

música “Memórias de Guerra” da banda Embajada Boliviana retrata o depois do conflito – o sentimento de um ex-combatente da Guerra das Malvinas.

A primeira música intitulada “1978 (camps days)”, da banda Fun People trabalho sobre um período anterior a Guerra das Malvinas, é reveladora do contexto que a Argentina enfrentou entre os anos de 1976 e 1983. Pois o governo militar utilizou mecanismos de comoção nacional, para acobertar suas atrocidades.

1978 (camps day)²⁰

*Vos asesinaste a mis amigos,
vos asesinaste a mi padre,
vos asesinaste a mi madre,
vos asesinaste a mi futuro,
una noche en el 78*

*hombres al mando del general camps
acribillaron a mis padres,
sus gritos fueron
tapados al grito de gol*

*vos asesinaste mi destino todos los dias,
asesinaste mi destino.*

A música retrata a memória muito dolorosa de uma pessoa que perdeu tudo durante uma noite em 1978 – pai, mãe e amigos –, enquanto a população comemorava mais um gol da seleção Argentina naquele mundial, seu futuro era morto e que a cada dia que passa o destino da sua vida continua sendo morto. Aliado a isto, a música trás uma sonoridade muito forte com traços de *Grindcore*²¹ a fim de demonstrar angustia e sofrimento sentido ao relembrar os acontecimentos. Outro ponto importante na análise desta canção é que em sua

provisoriamente a deteriorada frente interna, às custas de um triunfo improvável, e deteriorava irremediavelmente o delicado panorama da frente externa. Conf. RAPOPORT, op. cit., p. 3.

²⁰ Extraído de: FUN PEOPLE. 1978 (camps days). Interprete: Fun People. In: Fun People. **Anesthesia**. Buenos Aires, 1995. , faixa 07. 1 CD..

²¹ “*Grindcore*”, como estilo musical, é um caldeirão de extremismos. Nele cabem metal extremo, *noise rock*, *hardcore punk*, *crust punk*, anarco-punk e rock Industrial. Seus elementos mais visíveis são os vocais guturais, as músicas de duração curta e andamentos absurdamente velozes - em especial um tipo de batida conhecida como *blast beats*.

introdução ela apresenta a clássica música “Zamba del che” de Victor Jará , que retrata com bastante tristeza os abusos dos militares.

A música ao falar do grito de gol que calou, a morte de seu futuro. A Copa de Mundo de Futebol de 1978 ocorreu na Argentina, tendo o país anfitrião vencido a competição. O que aponta para uma estratégia do governo militar argentino, a utilização do futebol para representar a vitória de uma nação e o quanto essa nação era forte unida. Joelma Evangelista²² aponta que o futebol desempenhou importante papel em algumas ditaduras militares da América do Sul, pois vestiu uma máscara pacificadora, que “visou à proliferação da ideologia de nação monumentalizada e homogênea. A aparente harmonia é veiculada na metáfora povo/time”, isso demonstra o quanto o futebol serve para como útil fábrica de nacionalismos, como aponta Maurício da Silva Costa, afirmar que alegria que o futebol trás a um país é um festival único de nacionalismo, dessa forma “mais do que qualquer outro esporte, o futebol carrega consigo grande capital simbólico de representação da nação”.²³

Para Rayssa Araújo²⁴ o governo militar na Argentina acabou se aproveitando da paixão pela conquista da Copa do Mundo, em que a população ficou extasiada e aproveitou para “fortalecer a idéia de que a ditadura dava liberdades públicas. Assim, as duas questões unem-se em uma só, a qual seria o nacionalismo esportivo e territorial, fazendo com que a população, em um discurso envolvente, defendesse a idéia da necessidade de invadir as Malvinas”.

Quando foi declarado o início da Guerra das Malvinas “também levou o povo às ruas e provocou, durante algumas semanas, um estado de exaltação coletiva que se parecia bastante com a celebração de uma vitória popular quando, na realidade, tratava-se de uma cumplicidade sinistra e definitiva²⁵”. A Guerra das Malvinas²⁶ foi uma dolorosa experiência para aqueles que vivenciaram o conflito de perto, o conflito como retrata a música “Malvinas son Piguinas” da banda Código Neurótico

²² EVANGELISTA, Joelma Sampaio. O gol da memória: a ditadura militar e o futebol na Argentina e no Brasil. **Darandina revista eletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-12, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.docstoc.com/docs/21287992/O-gol-da-mem%C3%B3ria-a-ditadura-militar>>. Acesso em: 29 abr. 2010.

²³ COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Identidades em campo: esporte, política e comunicação massiva no Nacional-Estatismo de Vargas e Perón – um estudo comparado**. In: **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. São Leopoldo-RS., 2007. p. 3.

²⁴ ARAÚJO, op. cit., p. 06

²⁵ SARLO apud ARAÚJO, op. cit., p.06

²⁶ A Guerra das Malvinas ocorreu entre Argentina e Reino Unido disputando a região das Ilhas Malvinas, Geórgia do Sul e Sandwich do Sul entre os dias 02 de abril e 14 de junho de 1982, que haviam sido tomados em 1833 pelo Reino Unido. Ao final do conflito, a Argentina sai derrotada com cerca de 649 soldados mortos. ARAÚJO op. cit.,loc.cit.

Codigo Neurotico - Las Malvinas son pinguinas²⁷

*Me abren el cerebro, me abren el cerebro
Me lo cortan a trocitos, me lo hacen pedacitos
Me quitan el bulbo, me meten un turbo
Ahora soy feliz, ahora soy feliz
Ni como ni bebo ni puedo hablar
soy un vegetal, soy un vegetal
En mi cabeza no tengo nada
Al Coroloengo te quieren llevar.*

*yo me voy a hacia las malvinas
yo me voy lleno de anfetaminas
yo me voy a hacia las malvinas
yo me voy lleno de anfetaminas*

*Que mas me da! Que mas me da!
Que mas me da! Que mas me da!*

*La presidenta thatcher me esta cayendo gorda
la presidenta thatcher es una gran pelota
la presidenta thatcher (me jode con mi gorra ?)
la presidenta tatcher no sabe saltar olas*

*Que mas me da! Que mas me da!
Que mas me da! Que mas me da!*

*yo me voy a hacia las malvinas
yo me voy lleno de anfetaminas
yo me voy a hacia las malvinas
yo me voy lleno de anfetaminas*

*Que mas me da! Que mas me da!
Que mas me da! Que mas me da!*

²⁷ Extraído da música: CODIGO NEUROTICO. Intérprete: Codigo Neurótico. In: Código Neurótico. **Totus Tous**, [s.l.], 1983. 1 CD. faixa 04.

*esta es una guerra con barcos y aviones
esta es una guerra no habra soluciones
esta es una guerra con barcos y aviones
aunque muera mucha gente no habra soluciones*

Nesta música com sonoridade com ritmo característico da forma mais tradicional do Punk Rock, com instrumentos e vocal acelerados, e uma forte sonoridade de guitarra é retratado de certa forma “debochada” o quanto as Malvinas não faziam parte dos principais planos de vida daqueles jovens que foram convocados a lutar no conflito, mas mesmo assim eles tinham que ir e conviver com os pinguins, e ainda terem seus cérebros feitos em pedaços. Mas agora sim eles estavam felizes por não poder nem beber, nem falar.

Embora esta música não deixe de satirizar a personalidade da então primeira ministra inglesa Margareth Thatcher, que teve como um dos motivos de entrada no conflito o desejo de garantir maior prestígio frente à opinião pública uma vez que seu governo passava por uma crise de popularidade²⁸, utilizando da Guerra da Malvinas também como o governo ditatorial argentino para aguçar o nacionalismo de sua população²⁹.

Do ponto de vista político a Guerra das Malvinas, foi uma grande derrota para a Argentina e para a junta militar que governava o país. Que não conseguiu a soberania na região e teve cerca de 649 soldados mortos, além disso milhares de outros soldados ficaram com péssimas recordações do conflito, como retrata a música “Memória de Guerra” da banda Embajada Boliviana:

Memória de guerra³⁰
*hoy tu sientes que estas mal
tu corazon no para de gritar
y tus odios siguen escuchando
disparos muy lejanos
que quedaron en tu mente
y en tu corazon
aquellas vidas*

²⁸ RAPOPORT, op. cit.

²⁹ “O nacionalismo é um projeto político e, em termos históricos, bastante recente. Ele afirma que os grupos definidos como “nações” têm o direito de formar e devem formar. Estados territoriais do tipo que tornou padrão desde a Revolução Francesa. Sem esse projeto, realizado ou não, “nacionalismo” é uma palavra vazia”. HOBBSAWM, Eric. Etnia e Nacionalismo na Europa de Hoje. In: BALAKRISHNAN, Gopal. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: 2000. p. 271-296. p.272

³⁰ Extraído da música: EMBAJADA BOLIVIANA. Intérprete: Embajada Boliviana. Memória de Guerra In: Embajada Boliviana. **Embajada Boliviana**. [s.l.], 1992. 1 CD. faixa 16.

*que pelearon por argentina
igual que vos igual que..*

*memorias de la guerra
de una noche oscura
y de claras estrellas
de una blanca luna
y de cuerpos que murieron
defendiendo a su bandera
de sangre de odio de miedo*

*memorias de la guerra
de una noche oscura
y de claras estrellas
de una blanca luna
y de cuerpos
que murieron defendiendo a su bandera
de sangre de odio de miedo*

*hoy... pasaron muchos años
y aqui estas
perido en el camino
y en la cabecera de tu cama
una medalla de condecoracion*

*y temes por enloquecer
y tienes miedo
miedo al amanecer
miedo a las cosas
miedo a las calles
memorias de la guerra
de una noche oscura*

Essa música também contém uma sonoridade com ritmo característico da forma mais tradicional do Punk Rock, com instrumentos e vocal acelerados, e uma forte sonoridade de guitarra, embora a voz seja colocada de forma extremamente aguda que dá uma idéia de

muitos coros, mesmo que em momento algum tenha mais de uma pessoa cantando, ao longo da música o efeito que se tem é de uma multidão cantando o sofrimento de alguém, que está muito próximo de enlouquecer ao olhar para cabeceira da sua cama, uma medalha de condecoração que lhe faz lembrar, daquela noite escura em que muitos morreram defendendo a bandeira da Argentina, e o hoje o que restou foi apenas medo: medo de cada amanhecer, medo das coisas e medo das ruas.

Considerações Finais

Enfim, para além da ironia contida nas letras das músicas, a sonoridade do punk rock foi taticamente utilizada para “conquistar corações e mentes”, tentando produzir uma dada forma de ver a Guerra das Malvinas e a ditadura militar na Argentina.

Ao observar essas memórias produzidas pelos jovens, que de maneira direta ou indireta vislumbram a ditadura militar e a Guerra das Malvinas, fica muito difícil de não tentar fazer um elo mesmo que superficial com a realidade brasileira enfrentada durante a ditadura militar, onde as estratégias utilizados pelo governo militar brasileiro, foram muito semelhantes, quando ao aproveitar a conquista do tri-campeonato mundial de futebol se vivenciou uma onda exacerbada de euforia e patriotismo³¹. Mesmo que “o convívio com a alteridade faz cair por terra a idéia de homogeneidade e harmonia de povo/time metaforizada pelo futebol³²”.

O que remete a pensar que mesmo no campo de futebol, onde as rivalidades entre Brasil e Argentina são incentivadas frequentemente pela mídia. É fácil observar que até ai existem mais semelhanças do que distinções na trajetória histórica destes países. O estudo da memória dos jovens argentinos por muitas vezes me leva a fluxos de pensamento, que fazem imaginar que esse nacionalismo levado as ultimas instancias na Argentina, conta um pouco da história Brasil enquanto pátria de chuteiras. E serve para mostrar o quanto às lembranças dos brasileiros ainda estão sangrando, e o grito de gol ainda não cessou.

Referências:

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n. 5, 1997.

³¹ A respeito deste assunto cf. CHAUÍ, Marilena. Brasil: **Mito fundador e sociedade autoritária**. São. Paulo, Perseu Abramo, 2000.

³² EVANGELISTA, op. cit.

ARAÚJO, Rayssa Maria Pereira. Praça de maio: lugar de memória ou memórias vivas? **Revista Ameríndia**, v. 4, n. 2, 2007. Disponível em < www.amerindia.ufc.br/articulos/pdf4/rayssa.pdf>. Acesso em 29 abr. 2010.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Identidades em campo: esporte, política e comunicação massiva no Nacional-Estatismo de Vargas e Perón – um estudo comparado**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo. **Anais eletrônicos...** São Leopoldo: ANPUH, 2007. Disponível em: < www.snh2007.anpuh.org/.../Maurício%20da%20Silva%20Drumond%20Costa.pdf >. Acesso em: 29 abr. 2010.

CHAUÍ, Marilena. Brasil: **Mito fundador e sociedade autoritária**. São. Paulo: Perseu Abramo, 2000.

EVANGELISTA, Joelma Sampaio. O gol da memória: a ditadura militar e o futebol na Argentina e no Brasil. **Darandina revista eletrônica – Programa de Pós-Graduação em Letras**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-12, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.docstoc.com/docs/21287992/O-gol-da-mem%C3%B3ria-a-ditadura-militar>>. Acesso em: 29 abr. 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**; trad. Bernardo Leitão [et. al.]. 2. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, trad. Monique Augras, Rio de Janeiro: v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992,

MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 203-221. 2000.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. inicial do capítulo-final do capítulo***

RAPOPORT, Mario. A Guerra das Malvinas e a política exterior argentina: a visão dos protagonistas. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 39, p. 1-27, 1996. Trad. de Denise García. Disponível em < www.ftp.unb.br/pub/unb/ipr/rel/rbpi/1996/98.pdf >. Acesso em: 29 abr. 2010.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina**. trad. Sérgio Alcides, 3. ed, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SOUZA, Rafael. **Punk: Cultura de protesto, as mutações ideológicas de comunidade juvenil subversiva**. São Paulo: Edições Pulsar, 2002.